

BOLETIM

INFORMATIVO

da

MISERICORDIA do SARDOAL



Irmandade
DA
Santa Casa da Misericórdia
DE
SARDOAL

II

Publicação bimestral

O IRMÃO nº 1 da SANTA CASA

Quando, muito recentemente, a Mesa administrativa da Misericórdia procedeu a uma actualização dos seus ficheiros pôde verificar-se, com natural surpresa, que o Irmão mais antigo da Santa Casa é o Senhor Dr. José Ferreira Arelo Manso, não tanto, ainda, pela sua propecta idade, mas por a respectiva inscrição ser a mais recuada no tempo entre todas as que a Irmandade engloba actualmente.

A efeméride é, efectivamente, curiosa e sintomática: na verdade, aquele nosso prezadíssimo Irmão há mais de sessenta anos que está ligado, directa e ininterruptamente, à nossa Casa, para com a qual vem dando sempre provas e testemunhos da maior e mais acrisolada dedicação.

Com efeito, até à crise, ainda aberta, em parte, na qual a Misericórdia se viu enredada (tal como todas as suas congéneres) e que fez entrar em regime de estagnação temporária o seu magnífico Hospital, o senhor Dr. Ferreira Manso nele vinha prestando, sem qualquer hiato ou interrupção, os seus cuidados clínicos, há cerca de 50 anos -sempre com o maior desvelo e devotamento, -e, mais ainda, sem o mais leve encargo material para a Instituição.

Foi um autêntico Apóstolo do Bem e da Caridade nessas suas dezenas e dezenas de milhares de consultas e assistências, tanto aos nossos doentes internados como aos do regime ambulatório -de que jamais quis receber a mínima retribuição material!

No Sarcoal se fixaria este distinto clínico, a partir do já longínquo dia 31 de Julho de 1931 e aqui tem decorrido, desde então, a sua vida exemplar e edificante, seja na robustez do seu carácter impoluto, na fé inabalável dos seus princípios básicos da tradição e da honra, seja na simplicidade do trato e na hospitalidade magnánima com que, para todos, soube sempre dedicar-se e abrir-se.

E de facto, em tudo e por tudo, um Homem estruturalmente bom e honesto na sua forma de ser, intransigentemente apegado às suas arreigadas convicções políticas e religiosas; resolutamente incorruptível com a adulação e a subserviência e, também (ainda hoje, mesmo) de reacção pronta e incisiva a qualquer acto de injustiça.

Sim, uma personalidade exúbere em dotes e atributos, a deste beirão de gema -ao mesmo tempo, sagaz e prudente, de aprumo vertical e dignidade a toda a prova, de uma sobriedade ateniense, de uma afável elegância, sobretudo "interior", sabendo imprimir aos seus actos, como às suas palavras, à sua Vida, como ao relacionamento com todos, aquela harmonia plácida e subtil que constitui o segredo das naturezas superiores.

Inteligência predominantemente elaboradora, também, é certo, nunca foi homem para ser dirigido; temperamento rico daqueles dons que marcam e definem um carácter, sempre se pautou com a robusta firmeza para ser o seu próprio timoneiro; espírito moldado com as vicissitudes e as agruras em que a vida é fértil, por vezes, foi sempre homem de lutar -e, ao mesmo tempo, de compreender.

Nunca pactuou com injustiças nem com atitudes invertebradas -e essa verticalidade trouxe-lhe, por vezes, o gosto acerbo de algumas incompreensões. Homem de coluna rija e apumada teve sempre asco pelos cifóticos tal como pelos outros moluscos da política -sobretudo da local! De facto, aqui neste nosso meio, que à primeira vista parece amorfo e apático, mas que, à meia-volta, engana o mais desprevenido, teve que se haver com uns tantos undosos e flutuantes, que oscilavam conforme os ventos estavam de feição mais dominante ou acomodatória. Porém, a sua rija ténpera jamais deixou de erguer-se contra a injustiça e o oportunismo. Mas, cavalheirescamente, admirava sem reservas e com respeito um adversário intransigente, mas convicto, do mesmo modo que desprezava com náusea um cômpare servil e permeável.

Conquistou numerosos amigos e admiradores e poderia, mesmo, se quisesse, ter subido facilmente a postos de destaque, de vária ordem. Mas não; preferiu continuar a vida simples e modesta (embora bem cansativa nesses tempos) de médico-de-aldeia, para ser útil ao seu semelhante. Aqui, quis prosseguir sempre a sua carreira normal, olhos postos no Amor ao Próximo, numa perfeita solidariedade humana, em doação completa e integral à colectividade.

E esse humanismo jamais se cifrou, apenas, no abstracto das teorias, dos ideais ou das palavras. Nada disso: foi sempre, sempre, um acto de Doação realizado no facto concreto, no mais puro

O HOMEM "lobo" do HOMEM

A ausência do espírito da caridade e o desprezo dos direitos alheios por falta duma moral séria, com princípios, leis e sanções, deixaram o campo livre ao degladiar das paixões e dos baixos interesses. Entre as causas que mais ferozes ódios acenderam e mais fundos abismos cavaram entre os homens, contou-se na primeira linha a política, no sentido popular e estragado do termo. Um século de política desenfreado deixou no país, nos seus concelhos, nas suas aldeias mais setanejas vestígios curiosos das rivalidades e lutas que dividiam os filhos duma mesma terra, os membros até duma mesma família e os faziam considerar-se inimigos para a vida e para a morte. A separação e o ódio entre os filiados em partidos opostos, entre os apuniguados dos diversos caciques, não se manifestava em procurarem diversos cafés ou diversas boticas para centros de cavaco ou de reunião, nem só nas pejeias bravas da caça ao voto, ou no medir das forças à volta da urna. Toda a vida dos contendores havia de parecer-se com uma batalha sem tréguas. Os casos em que a amizade conseguia alçar-se sobre interesses mesquinhos da política, eram raros e apontados a dedo como casos esporádicos. Mas o mais curioso que conheço relativo aos ódios políticos que estragaram um século da nossa vida social, encontrei-o há pouco numa aldeia minhota, mesmo encostada às terras ásperas de Barroso.

Duma eminência fronteira, apontavam-me a freguesia, os lugares perdidos pela serra; ao meio, a igreja; por cima, um cemitério, por baixo outro cemitério, ambos a considerável distância.

Sabe para que são aqueles dois cemitérios?

Perante a minha ignorância, explicaram. Davam-se tão mal os progressistas e os regeneradores da terra, que até na morte se queriam separados. O cemitério de cima era para os regeneradores, o de baixo para os progressistas.

Não sei se o caso é único no país. Mas é curioso e símbolo bem expressivo dum século nefasto de lutas inglórias entre irmãos. Inimigos na vida, separados ainda para além da morte...

A.G.

(Depoimento de um distinto sacerdote e Jornalista)

Só que, tratando-se de uma obra manuscrita, apenas se conhece o original -que está presentemente à guarda do Arquivo Histórico da Câmara.

Mais modernamente, entretanto, um estudioso local, Luis Manuel Gonçalves, arrancou da poeira dos arquivos muitos dados e elementos que, em boa parte dos casos, se encontravam dispersos e fragmentados e, com aturado estudo e uma ilimitada dedicação, procurou cerzir e entrosar devidamente toda essa massa documental e deu-nos uma obra séria e honesta, proba e digna, sobre o Sardoal e as suas gentes. Num estilo sóbrio e desartificialoso que é, ao mesmo tempo, colloquial e fluente, o autor foca-nos em traços precisos, directos, objectivos, muitos eventos do nosso passado comum, com as singularidades dos seus fastos mais salientes e a acção dos homens de maior vulto e projecção que, ao longo das gerações, foram grandes figuras desta sua e nossa terra e da própria Pátria, no seu sentido lato.

Há muito pouco tempo, ainda, um obra de pesquisa e investigação, centrada predominantemente sobre Alcaravela, veio enriquecer o tão escasso espólio dos nossos estudos locais. Trata-se de "ALCARAVELA - Memórias de um povo", do Dr. Augusto Serras. É um trabalho digno de registo, que associa o facto histórico, em si, à rica tradição etnográfica daquela bem típica zona do nosso concelho.

E, para finalizar esta tão pequena e sucinta recensão, não deverá omitir-se um interessante feixe de apontamentos sobre a freguesia de Valhascos, da autoria de Maria Teresa Lobato e que serviu como sua dissertação de Licenciatura em Ciências Sociais.

Uma outra colectânea de apontamentos sobre a mesma freguesia, do falecido Cap. Elias da Costa, de Abrantes, não chegou a ser impressa para circulação pública. Circunscreveu-se, apenas, a um ambiente restrito. No entanto, parece ter entrado, aqui e além, no campo da fantasia lendária e da interpretação subjectiva, o que lhe retiraria parte da credibilidade no campo histórico.

E a este pouco se resume a História escrita do nosso concelho!

Ressalvar-se-ão, no entanto, e por dever de justiça, alguns trabalhos parcelares, quer do campo etnográfico como, ainda outros, de feição monográfica mais restrita -mas que se assumem como estudos de conscienciosa prospecção.

Trazem todos a chancela do mesmo laborioso investigador: Luis Manuel Gonçalves.

E a propósito: espera-se que a Câmara actual, onde parece imperar um equilibrado bom-senso, queira rectificar a estranha (?) ideia da Vereação que a antecedeu -a qual, abruptamente, resolveu aumentar para um preço fora de razoabilidade, a "Monografia de Sardoal", daquele citado autor.

E mais: que dela faça o devido e merecido conhecimento público porque, infelizmente, ainda há muitos naturais do concelho que, nem sequer, sabem da sua existência!

-M.

O IRMÃO nº 1 da SANTA CASA

(Continuação da 2ª página)

sentido da Caridade, dirigido ao IRMÃO-HOMEM, real, chegado, andrajoso, sujo -mas homem com grandezas e inferioridades, feito do mesmo comum barro frágil, com virtudes e com defeitos, senhor de uma sensibilidade apurada ou, mesmo, amorfa, mas abrasado, também, legitimamente, do desejo ansioso de viver.

Tal Amor ao Próximo foi sempre, no Dr. Ferreira Manso, qualquer coisa de excelso, que ultrapassava os limites de um pragmatismo moral para se realizar integralmente através do seu conselho sempre lúcido e oportuno; da sua bolsa tão aberta que a gente até se interrogava (tanta vez!) se era sua ou de quem ele próprio se abeirava, pois sabia onde estava a necessidade; e, mais do que a bolsa, no coração sempre pronto para receber as dores e as angústias de todos os que procuravam os seus cuidados e o seu valimento e lhes proporcionar a gota de láudano que pudesse acalmar o espasmo doloroso; para acolher as lágrimas e as aflições de tantos dramas pessoais e familiares; para ajudar a erguer aquele que caíra no caminho duro e pedregoso; para dar força e alento ao que, desesperado, não raro vogava na solidão sem rumo e sem luz que o alumiasse. Tantos e tantos, com efeito, em que o Médico e o Apóstolo se interpenetravam na mais densa e profunda simbiose!

A sua vida, tão fortemente laboriosa e útil, tem-se processado sempre sob os mais rigorosos ditames da persistência e da tenacidade, no trabalho; da honradez e da integridade, na conduta; da bondade e do altruísmo, na acção.

E esse tão rico florilégio de atributos e qualidades fez com que, no seu tão alargado sacerdócio médico se conservasse sempre apumado e sereno, imaculado e íntegro, prestativo e desinteressado, concitando, por isso, a estima de todos os homens nonrados e, do mesmo modo, os louvores uníssonos deste povo, a quem devotadamente se tem dedicado, com as luzes da sua inteligência, a entrega da sua actividade clínica e os exemplos do seu tão ímpoluto carácter.

O SARDOAL deve-lhe muito e tem estrita obrigação de o não esquecer e nem deixar esfriar, sequer, a lembrança desse HOMEM invulgarmente bem formado, que tem sido um profundo, um dedicado Amigo, de toda a comunidade sardoalense.

Mas a homenagem devida ainda está em aberto!

.MB

Finalmente... O LAR

Concluída que está a obra de construção e montado, já, todo o equipamento necessário, aguarda-se, apenas, a autorização superior para entrar em funcionamento.

boletim Informativo da Santa Casa da Misericórdia de SARDOAL

Director: Anacleto da Silva Baptista

Edição e Propriedade: Santa Casa da Misericórdia - 2230 SARDOAL

Depósito Legal nº 24.707/88

...do SARDOAL ANTIGO

Ainda a "HISTÓRIA do SARDOAL"

Entre as várias gerações passadas muitos sardoalenses deixaram nome grande nos diversos campos do saber e da cultura, da ciência prática ou da religião cristã. Porém, a falta de interesse pela História Local e, complementarmente, pelas figuras que lhe deram projecção e extrapolaram o seu nome para a fama geral, tem deixado no olvido muitas páginas de glória de tantos dos seus autores ou participantes.

De há muito, já, que a maioria das Câmaras que nos regeram se ativeram predominantemente ao campo material das "obras públicas" (quantas delas de simples fachada!) em detrimento absoluto das questões do espírito e da cultura. Por isso, a história do nosso torrão, quer da Vila como do seu termo é desconhecida em grande parte das suas lídimas virtualidades, ignorando-se em resultante contraponto, o nome dos Homens que com a invulgaridade do seu esforço ou da sua cultura, do seu trabalho e do seu esforço, nos alcançaram para além da simples rotina da vida corrente e quase monocórdica que tem sido uma característica ancestral na passividade do quotidiano sardoalense.

Factos relevantes do próprio histórico da terra ou do seu fomento e evolução através dos tempos, como igualmente das instituições que nela se formaram e a foram abrindo para o progresso, dos momentos mais altos e significativos que representaram circunstâncias e factos de uma vitalidade mais actuante e representativa, dos momentos de mais alto entusiasmo e glória que repercutiram no nosso meio quadros mais relevantes da própria História Pátria, de tudo isso, repete-se, o que ficou em relato objectivo, seguro, fidedigno, para o álbum dos fastos desta terra?

Não mais do que "poucas e raras achegas", -e mesmo assim, de difícil consulta e abordagem!

E uma realidade triste, esta, que nos envergonha marcadamente em relação a outros concelhos bem menos ricos de património histórico-cultural mas que o têm zelado com acendrado amor bairrista.

Sim, de monografias sobre a nossa terra, só havia até há pouco a pequena (mas interessante) brochura do Dr. Giraldo Costa "Esboço corográfico do Sardoal", datada de 1882. Na sua meia dúzia de páginas o autor (médico municipal, que nem sequer era oriundo do concelho), faz um relatório sintético sobre o que de notável considerava na Vila, não esquecendo, outrossim, um apontamento, se bem que incompleto, sobre os documentos e diplomas respeitantes à terra, que se guardavam no arquivo municipal.

Deste raro opúsculo só se conhecem actualmente dois exemplares, -aliás, em perfeito estado de conservação.

E por aqui se ia ficando, até há pouco tempo, a História escrita do nosso Sardoal!

Não se entrará em linha de conta, por motivos óbvios, com o manuscrito de Jacinto Serrão da Mota (1754), com mais de uma centena de páginas em boa caligrafia, onde o autor passa em revista, com basta pormenorização, largos passos da vida sardoalense, através dos tempos.

Embora com alguns erros e falhas (em que o peso da tradição oral terá abafado, por vezes a realidade histórica) é um referencial a ter em linha de conta, até como elemento de cotejo e de aferição. O seu autor devia ser invulgarmente culto e erudito, como bem pode inferir-se da opulência descritiva da sua narração. Além disso, pertencia a uma família grada e da maior respeitabilidade -o que pressupõe isenção e seriedade de processos.

(Continua na última página)

1993 Novos IRMÃOS da SANTA CASA

Segundo a ordem de inscrição

Francisco Macieira
José Antunes Alves
Benvinda da Silva Tomé Alves
Etelvina Leonor
Manuel Corda Passarinho
Manuel Pita Frade
Maria da Conceição
Francisco Forte
Maria Santos
Maria Fernanda A.C.Machado
Ten. Cor. Domingos Machado Rodrigues
Joaquim Marques Pedro
Hermínia da Conceição Fernandes
Jorge das Neves Fernandes
João Paulo da Silva Marçal
Maria da Luz
Luisa da Luz Milho Pereira
Valentim Dias Pereira
Inês de Jesus Pires
Luisa Bandeira
Alzira da Conceição Esteves
António Esteves
Deonilde de Jesus Grácio
David Grácio
Delmira da Piedade Baptista
Artur António
Daniel dos Santos
Angélica de Jesus
Dra. Maria Teresinha Garrido
Dr. Carlos Alberto de Oliv. Garrido
Vicente Pires Águas
Maria Joaquina Grácio
Maria Amélia Ramos
Maria da Conceição Leitão
Azevedo Jorge Correia
José Lopes
Anastácia Fernandes
Joaquim de Jesus Dionísio
Margarida Maria
Francisco Dias Serras
Benjamim da Silva
Maria Rosa O.Beleza da Silva
Carmindo Lourenço
Luisa Rita
Ercília Carreira S.de M.Silva
António Manuel Gonçalves Santos
Adelaide Emília Tavares Gomes
Maria de Lurdes
Joaquim Jorge Pereira